

MOVIMENTO HIP HOP: MASCULINO E MASCULINIZADO?

HIP HOP MOVEMENT: MALE AND MASCULINIZED?

Giovanna Silveira Santos 1

Resumo: As estratégias de branqueamento e esquecimento de memórias ligadas à população negra e/ou periférica são ocultadas. A hipótese neste trabalho surge do entendimento de que existem disputas por discursos perpassadas por classe, gênero e raça. A investigação realizada está relacionada ao poder da memória e dos apagamentos, numa inquietação que diz respeito ao lugar das mulheres no Hip Hop, que precisam administrar a tensão de ser mulher num movimento predominantemente masculino e masculinizado. Parto do pressuposto de que nos movimentos periféricos também se manifestam os valores patriarcais e, ao levar isso à discussão, o enfrentamento encontrado é que com a distribuição de direitos, quem “está no poder” tem que abrir mão de privilégios, e não há disposição para tal. Cobrar uma participação maior das mulheres automaticamente significa diminuir a quantidade de homens, o que não é bem aceito. Neste trabalho é esperado vislumbrar como o Hip Hop pode ser interpelado pelo pensamento feminista negro.

Palavras-chave: Pensamento Feminista Negro. Mulheres. Hip Hop.

Abstract: Strategies of whitening and forgetfulness of memories concerning black and/or peripheral population are omitted. The hypothesis of this work arises from understanding that there are conflicts crossed by class, gender and race. A possible investigation is related to the power of memory and erasures, in a concern about the place of women in Hip Hop, who need to manage the tension of being a woman in a predominantly masculine and masculinized movement. I assume that patriarchal values are also manifested in peripheral movements and, in bringing this to the discussion, the confrontation found is that, with the distribution of rights, those in power have to give up their privileges, but there is no disposition for such. Charging more women automatically means lowering the number of men, which is not well accepted. In this paper it is expected to glimpse how Hip Hop can be challenged by black feminist thought.

Keywords: Black Feminist Thought. Women. Hip Hop.

Introdução

Com o entendimento de que o que nos constitui enquanto seres está intrínseco em nossa escrita, esse estudo parte de meu lugar como pesquisadora, que assume um determinado local de fala, enquanto mulher periférica, acadêmica e socialmente branca, simultaneamente agente e pesquisadora do Hip Hop, um movimento cultural qualificado pelo movimento negro.

O movimento Hip Hop como objeto de estudo de interesse acadêmico ocorreu ao ingressar na graduação em Museologia no ano 2014, inicialmente com a proposta de um processo museológico do Museu Comunitário do Centro de Referência da Juventude (CRJ-GO), local que frequento desde sua fundação em 2012. Sendo simultaneamente agente e pesquisadora do movimento Hip Hop, e já existindo assim participação no local de campo, surgem os desafios de uma alteridade mínima, onde estranhar o familiar e trivial se torna um caminho a percorrer. Neste sentido, esta pesquisa se detém na observação participante e no levantamento bibliográfico.

Compondo o movimento há muitos anos e de forma efetiva como pesquisadora a partir de minha inserção na graduação e que se estende até a presente ocasião, as ideias e análises aqui presentes se tratam da concentração de diversos momentos de reflexão sobre uma inquietação a respeitadas relações de gênero no Hip Hop.

De acordo com a autora Camila Moraes Wichers (2017) a partir do acesso a discussões feministas que problematizam categorias como mulher, sexo, gênero, corpo, patriarcado, identidade e representação, algumas premissas foram colocadas sob rasura:

[...] colocar 'sob rasura' essas categorias, certamente construídas socialmente e, por isso, sempre passíveis de releituras, significa que desconfiamos dessas construções, interpelando sentidos únicos e propondo deslocamentos. (MORAES WICHERS, 2017, p. 36).

Assim, a investigação está relacionada ao poder da memória, dos apagamentos e esquecimentos, numa inquietação que diz respeito ao lugar ocupado pelas mulheres no Hip Hop. Após cursar a disciplina Epistemologias e Feminismos Negros¹ esta inquietação é trabalhada metodologicamente a partir do pensamento feminista negro, uma teoria multiplicadora sempre em construção, que articula teoria e prática, ferramenta viva para tensionar hegemonias.

Hip Hop e questões de gênero

A autora Sandra Mara Santos (2015), em sua tese "*Rap florido*": Reconhecimento Artístico, Amor e Relações De Gênero" afirma que:

Entre os rappers e as MCs, as masculinidades são compreendidas como uma representação social cujas marcas como, por exemplo, virilidade, força, agressividade e outros semelhantes, são usadas para confrontar a estrutura social agressiva e as pessoas que detêm o poder em nossa sociedade. Sendo assim, se uma mulher ou homem quiser cantar rap eles têm que adotar alguns desses significados de masculinidades. (SANTOS, 2015, p. 122).

Para Sandra Mara, o corpo e as letras das cantoras foram e continuam sendo orientados pelo mundo social e performances dos homens. Assim, segundo a autora, as mulheres que querem cantar nesse meio musical constroem, desde o início, espaços e significados sociais para expressarem suas vivências, questionamentos e críticas políticas, bem como buscar valorização para as mulheres negras. Porém, a autora defende que as intenções e estratégias de mudanças protagonizadas por mulheres geram relações complexas e ambíguas na questão de gênero. (SANTOS & SANTOS, 2012, p. 1).

¹ Disciplina ministrada pela professora Dr^a Luciana de Oliveira Dias no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFG, durante o primeiro semestre de 2019.

O ofuscamento nos relatos bibliográficos por parte dos personagens célebres e das narrativas é um dos fatores que implica na invisibilidade imposta às mulheres. As mulheres estavam presentes construindo a cultura Hip Hop, porém essas mulheres presentes na concepção são esquecidas, como a precursora no Bronx, Sylvia Robinson, falecida em 2011 com 75 anos, mulher negra, cantora, musicista, produtora e executiva musical, fundadora da gravadora Sugar Hill Records, responsável por promover um dos primeiros grupos de rap que se consagrou no Hip Hop, produtora do single pioneiro do Hip Hop “Rapper’s Delight”, do *Sugar Hill Gang* em 1979, o primeiro single de sucesso da história do Hip Hop, canção que Sylvia compôs e produziu. Em 1982, ela produziu outro clássico: “The Message”, do *Grandmaster Flash and the Furious Five*. Esta canção, amplamente creditada por trazer a consciência social à música Hip Hop, foi a primeira canção de rap a ser acrescentada ao arquivo nacional dos EUA.² Porém, apesar de levar o título de “Mãe do Hip Hop” Sylvia é pouco conhecida, e é concedido somente aos personagens homens, como Afrika Bambaata, Kool Herc e Grandmaster Flash, a posição de criadores e difusores do movimento.

No cenário brasileiro, em São Paulo, Sharylaine é primeira mulher a gravar rap no Brasil, em 1986, e responsável por formar o primeiro grupo de rap feminino, o *Rap Girls*. Integrante do Fórum Nacional de Mulheres do Hip Hop, ela produz, canta e compõe há 27 anos. Sharylaine evidencia o feminismo negro e a produtividade de mulheres no movimento. Para a rapper o mercado continua masculino e destaca a reserva do mercado para os rappers homens. “Em 1993, quando eu já fazia rap há sete anos, a presença da mulher ainda era considerada como uma novidade e isso se mantém até hoje. O foco se mantém na figura masculina”.³ Novamente, semelhante ao que acontece com Sylvia, o devido protagonismo não é alcançado, uma vez que nas narrativas sobre a difusão do Hip Hop no Brasil, o grande nome associado à cena precursora de São Paulo é apenas de Nelson Triunfo.

Mesmo podendo possuir marcadores por si só violentos, como raça e classe, os homens possuem o agraciamento de gênero, resultando no benefício de não precisarem administrar a tensão que as mulheres experimentam ao lidar com um movimento masculinizado, uma vez que já são dominadas em todos os espaços que ocupam. Este fator implica em maior dificuldade de produção, para citar um exemplo. A antropóloga Rita Segato (2013) afirma que as mulheres ocupam espaços marcados por violências simbólica, física e epistêmica (SEGATO, 2013). A autora Bell Hooks (2015) aponta que a mulher negra não acessa o campo de opressão por não possuir um ‘outro institucionalizado’ detido por homens brancos e negros e por mulheres brancas.

No campo da Antropologia, o movimento Hip Hop tem sido abordado de forma crescente. Para o contexto goiano, temos o trabalho de Waldemir Rosa (2014). Um breve levantamento resultou no mapeamento de pelo menos duas dezenas de trabalhos defendidos em programas de pós-graduação em Antropologia, com destaque para os que levantam a discussão sobre mulheres no movimento, como: “Um estudo sobre a participação de jovens e mulheres no movimento Hip Hop” de Shirley de Lima Samico (2013) e “Entre “perifeminas” e “minas de artilharia”: participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk” de Izabela Nalio Ramos (2016). Esta última analisa as integrantes do movimento Hip Hop que compõe a Frente Nacional de Mulheres no Hip Hop em São Paulo, a partir de uma perspectiva do protagonismo feminino. Perpassando pelos conceitos de identidade e agências, a autora fala sobre a participação das mulheres e o fato de serem comumente tratadas como masculinizadas.

Goiânia ‘Mil Grau’⁴

No cenário goiano, o Hip Hop surgiu entre os anos 1980 e 1990, ganhou força e espaço,

2 Disponível em: <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/morre-sylvia-robinson-uma-das-pioneiras-do-hip-hop/>. Acesso em: 26 de maio de 2019.

3 Disponível em: <http://periferiaemmovimento.com.br/pioneira-do-rap-feminino-sharylaine-lanca-novo-cd-apos-27-anos-de-carreira/>. Acesso em: 26 de maio de 2019.

4 Alusão ao projeto “G0i4N1A M1L GR4U” nascido a partir de uma página de humor nas redes sociais que atualmente produz paródias, podcasts e promove a venda de produtos. De forma geral, o conteúdo conta com atenção especial as questões subalternizadas, omitidas pelas demais formas de divulgação. Em suas produções, a intenção é abordar temas como cotidiano, gírias, costumes, transporte público, personagens políticos, urbanismo e cultura goiana e, principalmente, goianiense. A escolha de utilização desta referência neste trabalho se deu pelo apagamento recorrente pelo qual são submetidas as questões ligadas a periferia, ignoradas pelos discursos oficiais. Disponível em: <http://goianiamilgrau.com.br/o-projeto-goiania-mil-grau/>. Acesso em 20 de julho de 2019.

tornando-se 'refúgio' para a população em situação de vulnerabilidade social. Cabe destacar que foi o movimento negro que qualificou os militantes da cultura Hip Hop em Goiás. Assim sendo, "O hip hop configura-se como uma narrativa sobre uma experiência de subalternidade que se enraíza no colonialismo e no escravismo". (ROSA, 2014, p. 29).

O Centro de Referência da Juventude (CRJ-GO), gerido pelo Centro de Cidadania Negra do Estado de Goiás (CENEG-GO), tem como principal viés cultural o fortalecimento da cultura Hip Hop, sendo Ponto de Cultura do movimento. É uma unidade não governamental que se baseia na ideologia do Hip Hop e promove ações sociais dentro desses critérios. É considerada a maior ocupação do estado de Goiás, e busca resgatar as crianças e os jovens do mundo da criminalidade a partir do Hip Hop. A expressão do movimento negro e do Hip Hop é bem forte dentro do CRJ e nas atividades que são propostas. Os elementos do Hip Hop são difundidos para a juventude a partir de oficinas e todas são ministradas por voluntários pertencentes ao movimento Hip Hop.

Figura 1. Mapa da localização do CRJ em Goiânia



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/@-16.6692428,-49.2294847>

Durante o desenvolvimento da pesquisa-ação realizada no decorrer da graduação em Museologia, na Iniciação Científica e no Trabalho de Conclusão de Curso, foram realizadas ações educativas, rodas de conversa, oficinas, seminários e reuniões no CRJ voltadas a discutir o Hip Hop como patrimônio, sua relação com as memórias e as potencialidades da criação de um museu voltado à temática. Esses encontros são entendidos como componentes da musealização do Hip Hop, como eixos de um processo preservacionista. Trata-se de um processo pautado na participação e no protagonismo das comunidades, a partir de reflexões acerca da Museologia Comunitária onde aparece destacado o fato de que esses processos são deflagrados pelos próprios sujeitos, a partir de seus lugares de fala. Neste sentido, a pesquisa abordou o movimento Hip Hop na cidade de Goiânia como ferramenta de transformação da realidade e efetuou um mapeamento dos elementos do Hip Hop em Goiânia, assim como dos coletivos envolvidos com o tema.

Camila Moraes Wichers (2018), ao traçar elos entre 'as ondas de renovação' dos feminismos com a museologia, acredita que o feminismo sob o viés da interseccionalidade seja profícuo para pensar a museologia, entendida enquanto campo voltado a preservação das memórias. Conforme afirma a autora:

Esse feminismo é fruto do pensamento precursor de mulheres negras que passaram a interpelar as reflexões de um movimento feminista que era pautado, até então, em demandas de mulheres brancas de classe média. (MORAES WICHERS, 2018, p. 146).

Assim, a interseccionalidade é trabalhada pelo pensamento feminista negro a partir do silenciamento experimentado nos discursos e práticas de um feminismo exaustivamente branco e elitista, que não leva em consideração as diferentes formas de opressão experimentadas pelas mulheres em suas pluralidades. A perspectiva de interseccionalização no âmbito da teoria feminista negra, potente e efetiva, tem o caráter de fortalecimento dos diversos movimentos, portanto nada limitador. Autoras como a americana Angela Davis (2016) e Audre Lorde (s/d) foram algumas dentre

as primeiras feministas a apontar a importância de interseccionar a luta das mulheres, levando em consideração para além da questão de gênero, o racismo, a luta de classes e a sexualidade – sobretudo no trabalho de Lorde – ao tratar das opressões sofridas pelas mulheres e mais especificamente as mulheres negras e lésbicas.

Nos encontros realizados no CRJ, a adesão maior de homens era evidente, visualmente fácil de ser percebida, no entanto, em alguns momentos, foram aplicados instrumentos de percepção/questionários – conforme a pesquisa demandava. Estes dados obtidos a partir desta aplicação serão apresentados abaixo em forma de figuras e gráficos com finalidade ilustrativa. Ocorreram simultaneamente diferentes ações, mas que no entanto se retroalimentavam, de forma orgânica, tal qual o próprio Hip Hop se desenrola, como o processo de musealização e discussões sobre o pedido de patrimonialização da cultura Hip Hop, reuniões do fórum goiano de Hip Hop, além dos atendimentos e atividades cotidianas, batalhas e eventos.

Em 27 de fevereiro de 2016 foi realizada uma Ação Educativa denominada Território e Identidade Cultural no Contexto da Comunidade CRJ, onde apenas um terço do público era feminino.

Figura 2. Ação Educativa



Foto: Allinny Raphaelle. Acervo pessoal. 2016.

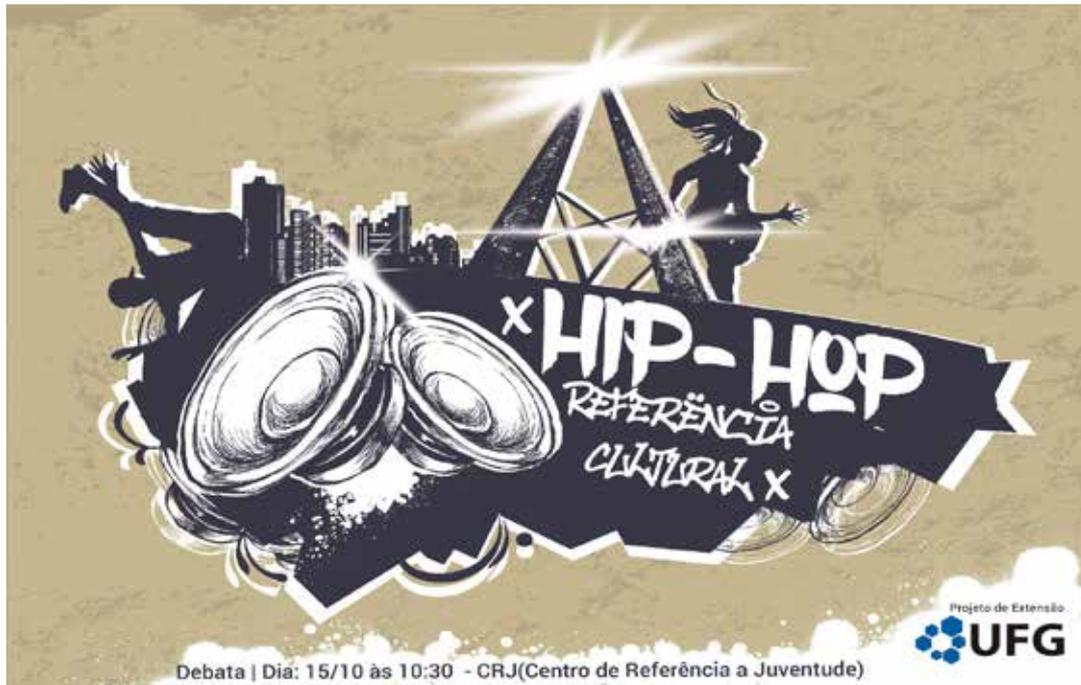
Figura 3. Gráfico 1 - Ação Educativa por gênero



Fonte: Produção própria.

Em debate ocorrido no dia 15 de outubro de 2016 com a finalidade de discutir o Hip Hop Goianiense Como Patrimônio Cultural Imaterial De Goiânia, das 21 pessoas que responderam o questionário, apenas duas eram mulheres.

Figura 4. Hip Hop Referência Cultural



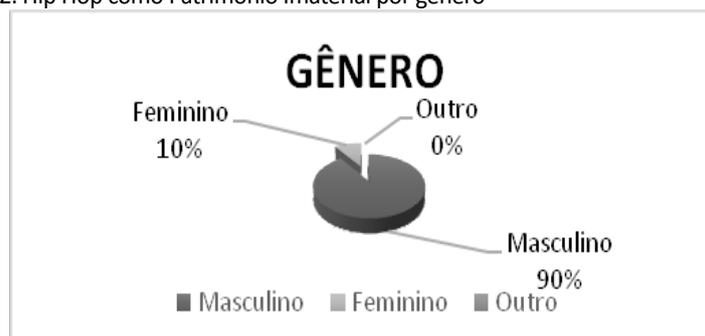
Fonte: Acervo pessoal. Produção: Allinny Raphaella. 2016.

Figura 5. Hip Hop como Patrimônio Imaterial



Foto: Yussef Campos. Acervo pessoal. 2016.

Figura 6. Gráfico 2. Hip Hop como Patrimônio Imaterial por gênero



Fonte: Produção própria.

Posteriormente, em 18 de fevereiro de 2017 ocorreu o 1º Seminário do Fórum Goiano da Cultura Hip Hop. O Seminário abrigou 4 mesas de debates temáticos, iniciando-se com uma mesa sobre as experiências de mulheres no universo da cultura Hip Hop, no entanto esta questão se apresentou no decorrer de todo o seminário.

Figura 7. Material de divulgação



1º Seminário de Hip Hop do Estado de Goiás

- * **A cultura política do Hip Hop Brasileiro**
Prof. Allysson Garcia (UEG/UFG), Markão Aborigine(Mc/DF), Vera Verônica (Frente Nacional Mulheres no Hip Hop) e Tio Lú (Kães de Rua)
- * **Dilemas e desafios da mulher na Cultura Hip Hop**
Vera Verônica (Frente Nacional Mulheres no Hip Hop), B-girl Vanessa, Mc Bam Bam (Raízes do Gueto)
- * **Os desafios do Hip Hop como uma força propulsora da economia criativa e solidária e estratégias de geração de ocupação e renda**
José Eduardo (CEABRA), Clayton Ricardo (Secretaria Nacional de Economia Solidária) e Décio Coutinho (Sebrae)
- * **Mecanismos de fomento e investimento público e outras possibilidades de fortalecimento da Cultura Hip Hop em Goiás**
Osmar Silva (Técnico de Projetos do CRJ), Daher Chagas (Guindart 121), Johnny Wellington (Técnico em Políticas Públicas) e Giovanna Silveira Santos (UFG)

Fonte: Acervo Pessoal. 2017.

Vera Verônica (DF, Frente Nacional de Mulheres do Hip Hop) destacou questões como a necessidade de obtenção de recursos e a necessidade de o movimento Hip Hop aprender a superar preconceitos de gênero ainda muito presentes. Na fala da B.Girl Vanessa (Break Dance Crew) foram destacados os casos de machismo experimentado pelas mulheres do Hip Hop. MC Bambam (Raízes do Gueto), fechou a fala relembrando que a presença das mulheres no Hip Hop existe desde os primórdios deste movimento.

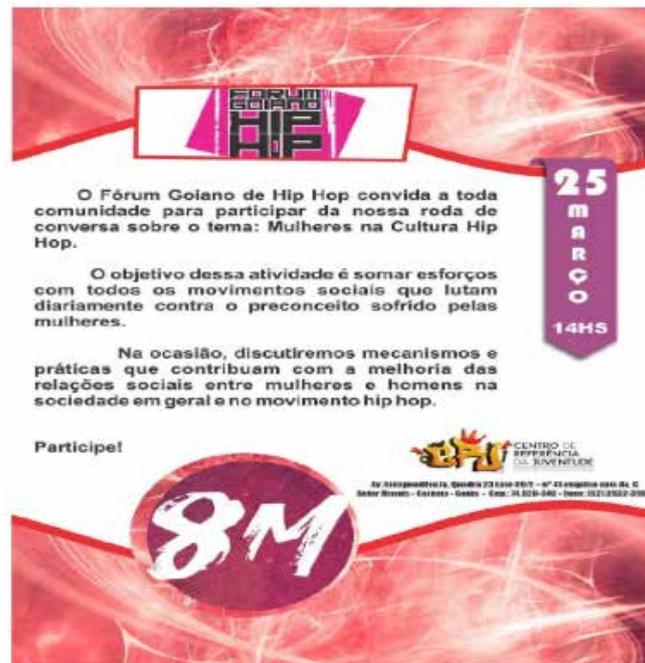
Figura 8. Seminário



Foto: Anderson Diniz. Acervo pessoal. 2017.

Diante de demandas, em 25 de março de 2017 ocorreu uma roda de conversas sobre Mulheres na Cultura Hip Hop, em comemoração ao dia das mulheres.

Figura 9. Mídia Expositiva



Fonte: Acervo pessoal. 2017.

Figura 10. Oficina para a construção coletiva da missão do museu



Foto: Thiago Cazarim. Acervo pessoal. 2017.

Figura 11. Mulheres no Hip Hop



Foto: Thiago Cazarim. Acervo pessoal. 2017.

Na mesma ocasião ocorreu, simultaneamente, uma oficina para construção coletiva da missão do museu e como encerramento, microfone aberto e pockets-shows protagonizados por mulheres. Em todos os três momentos, a quantidade de homens era minoritária, em contrapartida, a presença de mulheres era ampla, momento em que diversos tópicos sobre a questão da mulher no Hip Hop foram discutidos.

Em 08 de abril de 2017, retomando as reuniões do Fórum Goiano de Hip Hop juntamente com a retomada da discussão acerca da missão e nome do museu, ocorreu a distribuição de fichas que se deu em duas formas. A primeira aplicação foi online, via formulário Google e a segunda aplicação foi de forma presencial, voltada para pessoas envolvidas com o movimento Hip Hop.

A figura 12 registra uma ocasião ocorrida durante uma assembleia do Fórum Goiano de Hip Hop em que a quantidade de homens e mulheres está equilibrada, algo infelizmente, ainda pouco recorrente, conforme pode ser percebido logo abaixo na figura 13, registrada no dia 24 de março de 2018 durante a audiência pública com o representante da Secretaria Estadual de Cultura para discutir as demandas junto ao edital do Fundo de Arte e Cultura de Goiás.

Figura 12. Assembleia do Fórum Goiano de Hip-Hop



Foto: Cláudio Sérgio. Acervo pessoal. 2018.

Figura 13. Audiência Pública FAC



Foto: Anderson Diniz. Acervo pessoal. 2018.

No contexto de distribuição de fichas aplicadas durante o processo de musealização, a partir da pergunta: “Quais pessoas, coletivos e comunidades deveriam ser envolvidas?” Foram identificados:

Figura 14. Nuvem de Palavras



Fonte: Produção Própria. Acervo Pessoal.

A partir da pergunta: “Quais valores são importantes na criação desse museu?” Foram identificados os seguintes:

Figura 15. Nuvem de Palavras



Fonte: Produção Própria. Acervo Pessoal.

Nas respostas obtidas conforme ilustrado acima, merece destaque, na figura 14, palavras como: cis e trans, donas de casa, feministas, LGBT, mulheres e vovós. Fica nítido que a necessidade de pluralidade está em pauta, o que pode ser confirmado a partir da análise da figura 15, onde são ressaltados o respeito às diferenças, inclusão, integração, luta, identidade e a união como necessária para todo esse processo, aparecendo mais de uma vez nas respostas. A união para o fortalecimento é uma tecla que o pensamento feminista bate, contudo, sem lançar mão do reconhecimento das particularidades de cada indivíduo.

No contexto dos eventos, é perceptível o pouco espaço seja como público ou protagonistas das expressões estéticas. Cobrar uma participação maior das mulheres enquanto protagonistas nas produções e eventos automaticamente significa diminuir a quantidade de homens, o que é visto como ataque e não como equidade necessária.

Conforme ilustrado abaixo, o mês de março, devido ao dia das mulheres, é tomado por eventos especiais e comemorativos onde o protagonismo feminino ocorre, o que levanta a discussão, já amplamente disseminada e acusada por mulheres inseridas no movimento seja como público ou como agentes, sobre este fato apenas cobrir uma cota, onde inclusive, apenas algumas artistas com um pouco mais de destaque ganham espaço.

Figura 16. Material de Divulgação



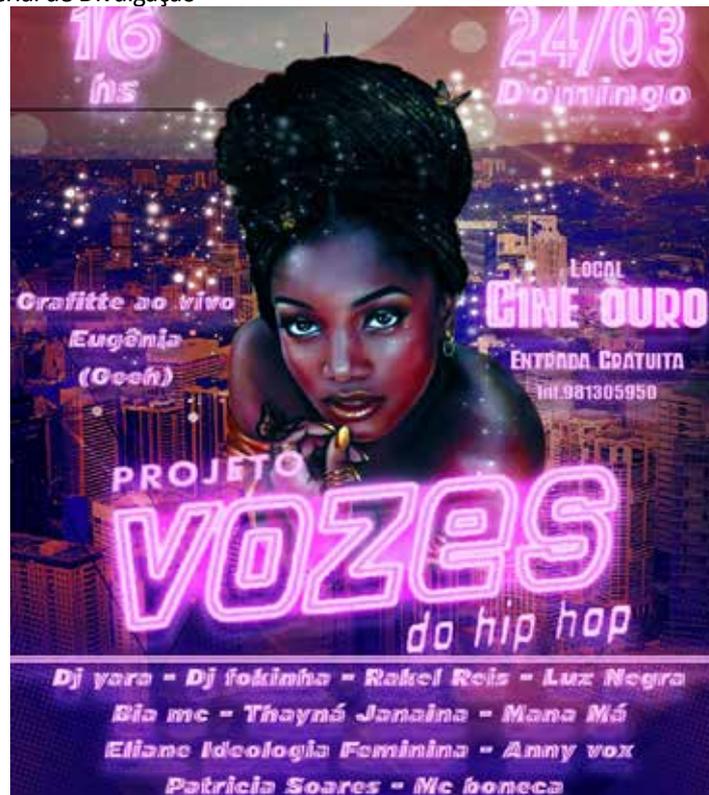
Fonte: Acervo Pessoal. 2019.

Figura 17. Material de Divulgação



Fonte: Acervo Pessoal. 2019.

Figura 18. Material de Divulgação



Fonte: Acervo Pessoal. 2019.

Passado este período comemorativo do dia das mulheres, os eventos voltam a ser compostos majoritariamente por homens.

Figura 19. mídia expositiva

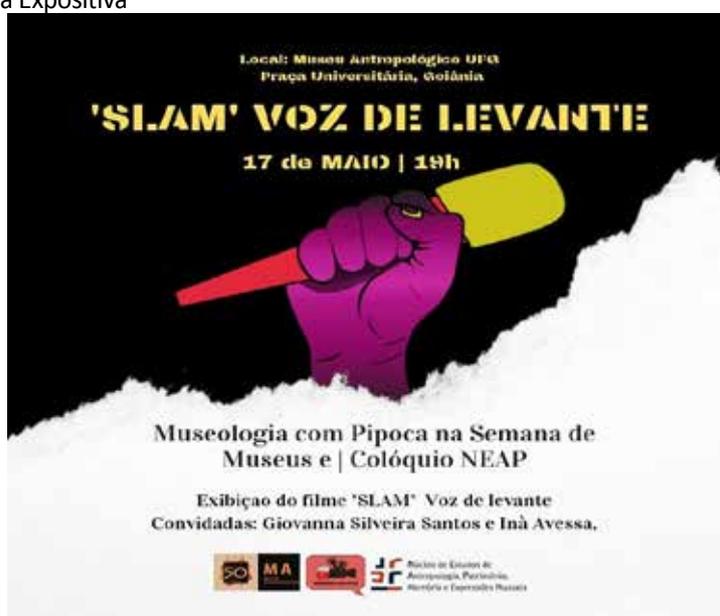


Fonte: Acervo pessoal. 2019.

O apagamento das mulheres nos eventos perpassa por vários âmbitos. Na figura 19, é possível verificar esta hipótese realizando uma rápida análise e confirmando somente a presença masculina. A começar pelo no nome do evento, “Rolê *B.Boyz*” fazendo alusão somente ao masculino, em seguida, somente compondo o júri e o time de DJs, e para finalizar, imagens de fundo somente de homens. Ou seja, todo o material é masculinizado.

No entanto, as discussões estão cada vez mais emergentes como forma de denúncia, bem como de fortalecimento e espaço de troca e acolhimento. Questão que tem sido apontada de forma crescente também em âmbito acadêmico, conforme ocorrido em 17 de maio de 2019, onde foram levantadas questões como as dificuldades enfrentadas e os mecanismos para fortalecimento, a partir de iniciativas voltadas para mulheres, idealizadas por mulheres, como é o caso da Batalha das Onças e da Batalha Mana há Mana, exclusivas para mulheres, onde o espaço das *minas* no rap é reivindicado.

Figura 20. Mídia Expositiva



Fonte: Acervo pessoal. 2019.

Figura 21. Mídia Expositiva



Fonte: Acervo pessoal. 2019.

O bate papo “O Protagonismo feminino na Cena da Cultura urbana”, realizado no dia 11

de maio de 2019, compondo o programa educativo cultural da Exposição: Expo Preto Cores, teve duração de cerca de 4 horas, realizado num contexto potente de protagonismo da arte de rua pelo artista grafiteiro e tatuador Decy. O ato político da ocupação de um espaço institucionalizado e hegemônico para se discutir as trajetórias e enfrentamentos de mulheres em diferentes vivências e locais de fala é eminente. Na ocasião ocorreu o encerramento com batalha de conhecimento, que contou com mestre de cerimônias e juradas mulheres e pocket show de mulheres, o que sinaliza a demanda de existência de corpos heterogêneos ocupando espaços de poder historicamente elitistas, colonizadores e excludentes, o que diz respeito também ao ato simbólico de reivindicação da diversidade cultural e das representações plurais.

Figura 22. Mídia Expositiva



Fonte: Acervo pessoal. 2019.

Figura 23. “O Protagonismo feminino na Cena da Cultura urbana”



Foto: Cláudio Sérgio. Acervo pessoal. 2019.

Há também que se destacar a importância de debater questões de gênero não focando somente nas mulheres, como se elas fossem as responsáveis por tal cenário, aplicável também ao racismo, é necessário que os sujeitos que não experimentam tais opressões debatam e lutem como aliados, não optando pela simples omissão e evidentemente, com a premissa de respeitar os protagonismos e locais de fala:

O que nos separa não são as nossas diferenças, e sim a resistência em reconhecer essas diferenças e enfrentar as distorções que resultam de ignorá-las e mal interpretá-las. Quando nos definimos, quando eu defino a mim mesma, quando defino o espaço onde eu sou com você e o espaço onde não sou, não estou negando o contato entre nós, nem estou te excluindo do contato – estou ampliando nosso espaço de contato. (LORDE, s.d.).

Para o antropólogo Waldemir Rosa (2006) a afirmação das desigualdades de gênero é um caminho encontrado pelos homens negros e/ou pobres para exercer algum grau de poder na sociedade, que é negado pelas desigualdades raciais e de classe.

Pode-se afirmar que nos movimentos periféricos o machismo manifesta-se e, ao expor esta premissa nos movimentos, produções, fóruns, grupos, coletivos e demais formas de organização, o enfrentamento encontrado é que com a distribuição de direitos, para que haja equidade, quem está no poder tem que abrir mão de privilégios. Dificilmente alguém estará predisposto a tal, pois não há nem o reconhecimento de que este privilégio exista, assim como não existe uma predisposição para discutir tal pauta, uma vez que os projetos de dominação são constituídos por sujeitos hegemônicos para manutenção do poder. A antropóloga Lélia Gonzalez (1984), questiona esta concepção de harmonia e negação e mascaramento das desigualdades, cunhando o mito da democracia racial.

O não reconhecimento das desigualdades resulta na dificuldade das mulheres em acessarem posições de protagonismos, destaque e poder, bem como a dificuldade de acesso aos espaços culturais e invisibilidade para as poucas que conseguem acessá-los.

Desta forma, o papel de destaque e conhecimento intelectual ainda é negado para as mulheres sobretudo para as mulheres negras uma vez que experimentam nos movimentos negros o machismo e sexismo e nos movimentos feministas, por seu turno, experimentam o racismo. Para Rita Segato (2003) gênero e raça são os pilares que sustentam o sistema de dominação. Nessa perspectiva, autoras do pensamento feminista negro acusa ambas as opressões, como a filósofa Sueli Carneiro (2001) aponta: “enegrecendo de um lado, as reivindicações das mulheres, e, por outro lado, promovendo a feminização das propostas e reivindicações do movimento negro” (CARNEIRO, 2001. p. 2).

Considerações finais

Em todas as vertentes do Hip Hop – Break, Grafite, DJ e MC – estão presentes as questões de gênero. O machismo se manifesta nos quatro elementos, surgindo desde o esquecimento para um mutirão de grafite, acusação ingênua de falta de técnica ou anonimato, misoginia nas letras de rap e nos freestyles das Batalhas de Rima, sexismo nas competições de Break, enfim, o machismo se refaz quase como a mesma eficácia com que o racismo é reinventado.

O que precisa ficar marcado é o entendimento de que não é necessário ofuscar os personagens masculinos, tão pouco lhes tomar o protagonismo. Se trata da urgência em haver equidade, onde a opressão de gênero não se apresente como razão de posições desiguais, sendo necessário questionar espaços homogêneos.

Apesar de importante e necessário que existam espaços de acolhimento feminino, é preciso que não se limite somente a estes eventos específicos. Onde estão as artistas mulheres na cena da cultura urbana? Foi e ainda é disseminada a ideia de que as mulheres não ocupam espaços importantes e de destaque devido a sua própria incapacidade e falta de técnica. Estaria a aptidão inerente ao falo? Compreensões inocentes já não cabem mais. Conforme o rapper Djonga enfatiza,

“Não abrem a porta pra Minas, pois talento é só um detalhe”.

A tranquilidade experimentada por pessoas privilegiadas é negada às minorias sociais. O fator principal a influenciar o baixo reconhecimento das mulheres na cultura Hip Hop diz respeito a distribuição desigual de poder e oportunidades. No entanto, a questão da quantidade de mulheres em lugar de poder e protagonismo ser pequena assim como a dificuldade para acessar esses lugares é uma situação ampla da presença de mulheres nas expressões artísticas de modo geral, não sendo exclusividade do Hip Hop.

Para o pensamento feminista negro a falta de horizontalidade confirma a regra, havendo necessidade de tensionamento e questionamento. Ao tensionar o poder de estruturas rígidas, disciplinares, locais de produção de saberes e conhecimentos, espaços e relações de opressão, o protagonismo de minorias políticas surge trazendo consigo novos desdobramentos e novas epistemologias, substancialmente potentes.

Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. 2005. 339 f. Tese (Doutorado em Educação junto à Área Filosofia da Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Feusp, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: **A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. LOLA Press n. 16, 2001. Disponibilidade em: <<https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

DIAS, Luciana de Oliveira. Diversidade e Processos de Identificação: um debate sobre relações étnico-raciais e de gênero. **Revista Opsis**, Catalão, v. 10, n. 1, p. 55-73, 2010. Disponibilidade em: <<https://revistas.ufg.br/Opsis/article/view/10004/8472>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

HOOKS, Bell. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 16, 2015, p. 193-210. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n16/0103-3352-rbcpol-16-00193.pdf>>. Acesso em: 30 mai. 2019.

KILOMBA, Grada. The Mask. In: **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast. Verlag, 2. Edição, 2010.

LORD, Audre. **Textos Escolhidos**. [s.d] [Mimeo].

MORAES WICHERS, Camila A. Museologia, feminismos e suas ondas de renovação. **Museologia & Interdisciplinaridade**, vol. 7, n. 13, 2018, p. 138-154. Disponibilidade em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/17781>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

MORAES WICHERS, Camila A. Narrativas arqueológicas e museológicas sob rasura. **Revista de Arqueologia**, vol. 30, n. 2, 2017, p. 35-50. Disponibilidade em: <<https://revista.sabnet.com.br/revista/index.php/SAB/article/view/543>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

NOVAES, Regina. Hip Hop: o que há de novo? In: **Perspectivas de Gênero. Debates e questões para as ONGs**. GTG Gênero Plataforma de Contrapartes Novib / SOS CORPO Gênero e Cidadania, Recife, 2002, p. 110-138. Disponibilidade em: <<https://pt.scribd.com/document/36117025/HIP-HOP-O-QUE-HA-DE-NOVO>> Acesso em: 27 mai. 2019.

PEIRANO, Marisa. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, v. 20, n. 42, 2014, p. 377-

391. Disponibilidade em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova** [online], São Paulo, n. 79, 2010, p. 143-162. Disponibilidade em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0102-64452010000100007&script=sci_abstract&lng=pt> Acesso em: 01 jul. 2019.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Editora Nós, 2017.

RAMOS, Izabela Nalio. **Entre “perifeminas” e “minas de artilharia”: participação e identidades de mulheres no hip hop e no funk**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponibilidade em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-24012017-130121/pt-br.php>>. Acesso em: 01 jul. 2019.

ROSA, Waldemir. **Homem Preto do Gueto: um estudo sobre a masculinidade no Rap brasileiro**. 2006. 97 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, UnB, Brasília, 2006. Disponibilidade em: <<http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2769/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Waldemir%20Rosa.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2019.

ROSA, Waldemir. **O Hip Hop Goianiense e o Antropólogo: Experiência Etnográfica e as Margens da Nação Brasileira**. 2014. 191 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponibilidade em: <<http://objdig.ufrj.br/72/teses/824435.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2019.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos. **“Rap florido”: Reconhecimento Artístico, Amor e Relações De Gênero**. 2015. 218 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual Paulista, UNESP, Faculdade de Filosofia e Ciências - Câmpus de Marília, Marília, São Paulo, 2015. Disponibilidade em: <<https://www.marilia.unesp.br/#!/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/ciencias-sociais/teses/>>. Acesso em: 27 jun. 2019.

SANTOS, Sandra Mara Pereira dos & SANTOS, Jaqueline Lima. Relação de gênero no cenário do rap no Brasil: mulheres negras e brancas. In: **Anais Do Primeiro Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasil America: Encontros e Desencontros**, n. 1, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponibilidade em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000132012000100032&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 07 jul. 2019.

SEGATO, Rita Laura. Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial. E-Cadernos Ces 18, **Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical**, 2012, p. 105-131. Disponibilidade em: <<https://journals.openedition.org/eces/1533>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

SEGATO, Rita Laura. **La crítica de la colonialidad en ocho ensayos. Y una antropología por demanda**. Prometeo Libros, Buenos Aires, 2013.

SEGATO, Rita Laura. **Las Estructuras Elementales de la Violencia**. Buenos Aires, Prometeo, Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2003.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

TRUTH, Sojourner; Et Al. **Feminismos Negros: Una Apología**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2012.

UCPA, União dos Coletivos Pan-Africanistas. **Lélia Gonzalez: Primavera para as rosas negras**. Rio de Janeiro: Diáspora Africana, 2018.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. In: **Vents d'Est, vents d'Ouest: Mouvements de femmes et féminismes anticoloniaux** [enlínea]. Genève: Graduate Institute Publications, 2009. Disponibilidade em: <<https://books.openedition.org/iheid/6316>>. Acesso em: 08 jul. 2019.

ZAMBONI, Marcio. Marcadores Sociais da Diferença. Um modo de olhar para as diversas formas de diferença e desigualdade presentes na sociedade contemporânea. **Sociologia: grandes temas do conhecimento** (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, 01 ago. 2014, p. 14-18. Disponibilidade em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4363366/mod_resource/content/1/Aula%203%20-%20Texto%20-%20Marcadores%20sociais.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2019.

Recebido em 15 de outubro de 2019.

Aceito em 1º de novembro de 2019.